

## **COMISSÃO DE AGRICULTURA, PECUÁRIA, ABASTECIMENTO E DESENVOLVIMENTO RURAL**

### **REQUERIMENTO N.<sup>º</sup> /2006**

Requeremos, nos termos regimentais, realização de audiência pública, nesta Comissão, para discutir a situação da cadeia produtiva do algodão e derivados no país.

Requeremos, nos termos regimentais, que a Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural realize reunião de audiência pública, para discutir a crise enfrentada pela cadeia de algodão e derivados no país, com destaque para os impactos sociais, a situação da CTNBio e das pesquisas e os problemas relacionados à produção e comercialização.

### **JUSTIFICAÇÃO**

Nos últimos quarenta anos, o consumo mundial de fibras (algodão é a mais importante), cresceu substancialmente pelo aumento da população mundial (6,453 bilhões em 2005) e do poder de compra dos consumidores. Segundo a FAO, a produção mundial em 1970 foi 17,53 milhões de toneladas colhidas em 40,87 milhões de hectares (produtividade de 430 kg/ha) e em 2005 foi de 28,5 milhões de toneladas métricas, colhida em 38,1 milhões de hectares, com produtividade de 785 kg/ha. Esse crescimento da produtividade mundial é devido ao uso de sementes melhoradas, irrigação, uso intensivo de fertilizantes, calcáreo e produtos fitossanitários, mecanização, maquinaria agrícola moderna, profissionalização dos produtores, melhores canais de comercialização e apoio mais intenso dos governos. Mas, a partir da segunda metade da década de noventa, o crescimento da produtividade ficou relativamente estabilizado com o uso desses insumos tradicionais. Nos países produtores tradicionais como a China e os Estados Unidos, o crescimento nesse período foi obtido pelo uso das variedades transgênicas.

Nos últimos três anos o consumo mundial de algodão em pluma cresceu 20%, chegando a 25,5 milhões de toneladas em 2005/2006 e as importações cresceram de 7,4 milhões para 9,6 milhões. Ao nível mundial, a China detém 23% da produção, 43% das importações e 40% do consumo. No resto do mundo o consumo de algodão permanece relativamente estável, ao redor de 15,4 milhões de toneladas. Para 2025, é esperado um consumo adicional de fibras de quase 8 milhões de toneladas, com maior concentração de demanda nos países em desenvolvimento.

O Brasil pode suprir uma parcela importante dessa demanda adicional a preços competitivos, pois possui área para expansão da produção, recursos humanos qualificados, boa capacidade de gestão na produção e comercialização, clima favorável e bom nível de desenvolvimento tecnológico. Mas só será competitivo se conseguir abrir duas portas importantes: a porta do mercado mundial, altamente distorcido pelos vultosos subsídios do governo americano, e a porta da inovação biotecnológica, emperrada no país pela morosidade da CTNBio (Comissão Técnica Nacional de Biossegurança), instância deliberativa para decidir sobre o uso de OGM's no país, na qual qualquer decisão sobre liberação comercial só pode ser feita com a aprovação de pelo menos 18 votos favoráveis, equivalente a 2/3 dos seus 27 membros.

Para a abertura da primeira porta já foi dado um importante passo com a disputa na Organização Mundial do Comércio (OMC) contra os subsídios americanos. A vitória representa

a abertura de importantes mercados mundiais para o algodão em pluma e derivados do Brasil, desde que o país seja competitivo na produção primária e na produção de derivados como fiação, tecelagem e vestuário, que agregam valor e geram renda e emprego. Para isso é necessário vencer outras batalhas no *front* interno, eliminando vários gargalos na cadeia produtiva relacionados à pesquisa e desenvolvimento, tributos, juros e encargos sociais.

A COTEMINAS, maior grupo têxtil nacional, de propriedade da família do Vice-Presidente da República já está com um pé na China, pois é economicamente mais vantajoso industrializar o algodão em território chinês do que no Brasil. Exportamos matéria-prima para os chineses e importamos tecidos e vestuário.

Na produção primária os nossos concorrentes no mercado internacional já cultivam mais de sete milhões de hectares de algodão transgênico e até agora nenhum problema de natureza ambiental ou relativo à saúde humana foi identificado. Na China, o uso do algodão transgênico resistente ao ataque de insetos (*Bt*) foi altamente positivo: reduziu substancialmente o uso de defensivos agrícolas, com melhorias ambientais significativas, reduziu custos de produção, o que aumentou a renda dos produtores familiares chineses (as lavouras são menores que 1,0 ha) e melhorou a saúde da população, com redução das internações hospitalares e óbitos causados por contaminações por defensivos. Nos Estados Unidos os benefícios econômicos e ambientais também foram marcantes.

No Brasil, os cotonicultores acumulam elevados prejuízos, mesmo utilizando elevada tecnologia tradicional, pois os custos de produção são muito elevados. Dados da CONAB mostram que em Mato Grosso, maior produtor nacional, a margem líquida da atividade algodão em pluma foi negativa nas duas últimas safras. Em 2005, mesmo com a exportação de 391 mil toneladas de algodão em pluma ao valor de US\$ 450 milhões, a margem líquida foi (- 23,31%). Em 2006, foi de (-17,6%). Para reverter essa situação tornando a atividade lucrativa é necessário reduzir os custos de produção, possibilitando importação de defensivos de países do MERCOSUL e uso das variedades transgênicas disponíveis nas instituições de pesquisa. O uso dessa tecnologia permite reduzir os elevados índices de contaminação por agrotóxicos no país - mais de 14 mil casos com 238 óbitos em 2003, segundo a Fiocruz (Sinitox/Cict).

A CTNBio não consegue avançar nas análises e estudos, as autorizações para pesquisa de campo são muito difíceis de conseguir e as liberações comerciais não acontecem, pois um grupo de membros atuam para impedir o avanço científico brasileiro nessa área. Esse posicionamento, além de afastar recursos privados para pesquisa e desenvolvimento, tem estimulado o surgimento de plantios ilegais de variedades transgênicas, de elevada produtividade, custos mais baratos de produção e lucrativos, em milhares de hectares. Por isso a área ilegal plantada tende a aumentar, mesmo com a fiscalização do governo.

Para 2007, o cenário internacional do algodão é favorável, com aumento no consumo, redução dos estoques de passagem e produção mundial estabilizada, devido à frustração das safras nos Estados Unidos (chuvas e geadas) e China (seca) e melhores preços (tendência altista). Mesmo assim, a margem líquida esperada no Brasil continuará negativa de (-2,69%). Isso significa três colheitas sucessivas colhendo prejuízos, com reflexos negativos no mercado de terras rurais e maquinarias agrícolas, ativos que foram muito depreciados nos dois últimos anos e desaparecimento de milhares de empregos no interior do país, principalmente nas pequenas unidades familiares de produção. Os produtores empobreceram e a situação financeira tende a piorar. Mesmo com as renegociações dos débitos rurais existentes, não haverá margem líquida para honrar todos os pagamentos assumidos para 2007.

Dada a gravidade dessa situação entendemos ser necessário a realização de um audiência pública nos próximos dias para discutir e buscar alternativas de solução para essa grave crise da

cotonicultura nacional. É preciso ouvir vários elos da cadeia produtiva de algodão, a começar pela CTNBio e instituições de pesquisa e pelos produtores.

Sala da Comissão, em 13 de novembro de 2006.

Dep. Ronaldo Caiado